Dia 20 — Santo Eustáquio e seus Companheiros, Mártires

Martirológio Romano

A vigília de São Mateus, apóstolo e evangelista.

O martírio dos santos mártires Eustáquio e Teopista, sua mulher, com seus dois filhos Agapito e Teopisto, em Roma; os quais, no império de Adriano, foram condenados às feras e, havendo saído sem receber dano por virtude de Deus, meteram-nos num touro de bronze ardendo, onde consumaram o martírio. (Veja-se sua história hoje.)

O martírio dos santos mártires Fausta, virgem, e Evílasio, em Cízico, no mar de Mármara, no tempo do imperador Maximiano: a Fausta o mesmo Evílasio, sacerdote idólatra, fez que por escárnio lhe raspassem a cabeça e que a pendurassem e atormentassem; depois do que tentou serrá-la pelo meio; mas, não podendo os verdugos fazer-lhe dano, cheio de terror converteu-se a Cristo; e, enquanto por ordem do Imperador o atormentavam cruelmente, a Fausta furaram-lhe a cabeça, passaram-lhe todo o corpo com cravos e meteram-na numa sertã ao fogo, até que, chamados os dois Mártires com uma voz do céu, voaram ambos ao Senhor.

Os santos mártires Dionísio e Privado, na Frígia.

São Pausício, também mártir; o qual, depois de lhe furarem o corpo com agudos punhais, foi degolado.

Os santos Teodoro, Filipa, sua mãe, e companheiros, mártires, em Perge, na Panfília, no tempo do imperador Antonino.

Santa Cândida, virgem e mártir, em Cartago; a qual, no império de Maximiano, despedaçada a açoites, alcançou a coroa do martírio.

Santa Susana, filha de Artêmio, sacerdote idólatra, e de Mar... (Havendo ficado órfã, recebeu o Batismo e, dando todos os seus bens aos pobres, foi viver na solidão. Acusada no tempo de Juliano o Apóstata de haver derrubado uns ídolos, foi condenada à morte, no ano 362.)

São Agapito, papa, no mesmo dia, de cuja santidade faz menção São Gregório Magno. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

São Clicério, bispo e confessor, em Milão.

Santo Eustáquio e seus Companheiros, Mártires

A história da vida de Santo Eustáquio, de sua mulher Teopista, de Agapito e Teopisto, seus dois filhos, está cheia de sucessos tão maravilhosos e tão raros que poderia parecer um piedoso romance, se não se soubesse que Deus, por assim dizer, se compraz de quando em quando em descobrir aos homens, particularmente naqueles primeiros tempos da Igreja, os imensos tesouros de sua providência e de sua misericórdia, ensinando os fiéis por meio de acontecimentos tão instrutivos como extraordinários; e assim o vamos ver na vida de Santo Eustáquio.

Chamava-se Plácido antes de sua conversão e foi, segundo o conjetura o cardeal Barônio, aquele mesmo Plácido de quem faz menção Josefo em seus livros da guerra dos judeus, que, sendo um dos primeiros oficiais do exército, assinalou-se com mil valerosas façanhas no famoso cerco de Jerusalém, fazendo importantes serviços ao imperador Vespasiano e a seu filho Tito. Era Plácido gentio; mas apenas o parecia em seus costumes. Inimigo de toda dissolução, não havia oficial mais circunspecto, de maior urbanidade nem mais moderado. Não se duvida de que foi de casa tão distinta por sua qualificada nobreza como por seus empregos militares. Seu ar, seus modos, o posto que ocupava no exército, o muito lugar que nele se fazia, seus grandes bens e a multidão de seus escravos, todas eram provas de seu ilustre nascimento, não menos que dos serviços de seus gloriosos antepassados. Faziam-no muito mais respeitável suas nobres prendas pessoais. Era doce, afável, inimigo de violências, benéfico, liberal e até pródigo com os soldados e com os pobres; o que lhe granjeava uma indizível geral estima, tanto no exército como na corte. Concluída felizmente a guerra contra os judeus, tão gloriosa para os romanos, nosso Plácido retirou-se a Roma. Saiu um dia à caça; apresentou-se-lhe um cervo, seguiu-o e, quando o ia mais estreitamente acossando, ficou estranhamente surpreendido vendo que a fera se deteve de repente ao pisar certo terreno e, voltada a face para ele, descobriu entre as duas hastes a imagem de Cristo crucificado. Ao mesmo tempo ouviu uma milagrosa voz que, como a outro Saulo, lhe repreendeu sua cegueira em matéria de religião: intimou-lhe que não perseguisse mais a Jesus Cristo na pessoa de seus fiéis: mandou-lhe que renunciasse ao paganismo e que, buscando em Roma um sacerdote dos Cristãos, recebesse o Batismo e abraçasse a verdadeira fé; «depois do que, acrescentou a voz, volta a este mesmo sítio, e eu te direi o que deves fazer».

Aturdido Plácido à vista de um sucesso tão singular como inopinado, sentiu inteiramente mudado seu coração naquela mesma hora. Entrou a graça a alumiar seu entendimento e, abrasado igualmente o coração, concebeu o maior horror contra os ídolos, conheceu toda a ridicularia e toda a impiedade da idolatria, sentindo-se inflamado em fervorosos desejos de abraçar o cristianismo. Logo que chegou a sua casa, sua mulher, por nome Taciana, de gênio e de inclinações muito parecidas às de seu marido, referiu-lhe certo sonho que havia tido; e, achando-se inteiramente conforme com o mesmo que Plácido havia visto e ouvido, não se detiveram um ponto em executar

as ordens do céu. Instruiu-os a eles e a seus dois filhos um santo presbítero chamado João; e, para apagar até as relíquias do homem velho, deu a Plácido o nome de Eustáquio ou de Eustácio; o de Teopista a sua mulher Taciana, chamando Agapito e Teopisto a seus dois filhos. Nunca se experimentaram mais prontos os efeitos do Batismo como em nossos ditosos neófitos: desde os primeiros dias de sua conversão pareciam já uns fiéis muito antigos, nascidos e criados nas mais perfeitas máximas do cristianismo. Mal se viu Eustáquio na posse ditosa de cristão, quando, impaciente por saber da mesma boca do Salvador sua divina vontade, encaminhou-se apressado ao sítio onde se havia obrado a primeira maravilha. Chegou a ele e, prostrado em terra, o semblante contra o pó, animado de uma viva fé e cheio de confiança, exclamou desta maneira: «Aqui tendes, Senhor, esta ovelha perdida, que vossa piedade acaba de retirar do abismo para introduzi-la em vosso rebanho. Pois vossa infinita misericórdia não se desdenhou até aqui de minha suma indignidade, espero que menos se desdenhará agora quando venho a vossa presença com o augusto caráter de filho vosso e que vos dignareis acabar a obra que Vós mesmo começastes. Pronto estou a obedecer-vos: falai, Senhor, que eu vos prometo executar sem réplica vossa divina vontade. Nenhuma coisa do mundo será jamais poderosa para fazer-me titubear na fé e, por isso mesmo, espero que me dareis graça para seguir todas as vossas máximas com inviolável fidelidade.» Mal acabou Eustáquio sua oração, quando se lhe apareceu o Salvador; e, depois de havê-lo animado e manifestado a elevada santidade a que o tinha destinado, acrescentou:

«Convém, filho meu, que te prepares para grandes provas. O demônio não deixará pedra por mover para derrubar-te. Tirar-te-ão todos os bens, despojar-te-ão de teus empregos, perderás tua mulher e teus filhos, tu mesmo te verás reduzido à última miséria. Mas valor, e não te desanimes; minha graça te sustentará em todos esses desgraçados acidentes, e eu saberei ressarcir-tos com o cêntuplo. Sê fiel até a morte e coroarás tua vida com um glorioso martírio.»

Experimentava Eustáquio sensivelmente mais e mais fortalecido seu espírito, crescendo mais seu valor quanto maiores eram os trabalhos que o céu lhe prognosticava; e sua resposta foi a que correspondia a um herói cristão e a um servo fiel e fervoroso. Voltado a sua casa, referiu singelamente a sua mulher tudo o que lhe havia sucedido e encontrou em Teopista uns pensamentos tão cristãos e tão generosos como os seus, mostrando uma santa impaciência por dar a Jesus Cristo finas e verdadeiras provas de sua fidelidade e de sua constância. Não tardou muito a ocasião. Consistia o nervo principal de sua fazenda em escravos e em gado: pereceu este e morreram aqueles à violência de uma enfermidade contagiosa que tudo lhes arrebatou. A conformidade com que nossos Santos levaram este primeiro golpe assombrou a todos aqueles que ignoravam os motivos de sua resignação. Soube-se poucos dias depois que o Imperador havia reformado todos os oficiais que não se achavam atualmente empregados no exército. Nem por isso diminuiu sua constância nesta segunda desgraça; antes se fez mais visível sua alegria. Abandonados, enfim, nossos Santos de todos os seus amigos, que o eram somente de sua fortuna e não de suas pessoas, e quase reduzidos à mendicidade, resolveram deixar Roma e, carregados com seus dois ternos filhos, únicos bens que lhes havia deixado a divina Providência, encaminharam-se ao porto de Óstia, onde acharam um navio que fazia vela ao Oriente e, embarcando-se nele, partiram para o Egito.

Não é fácil explicar o gozo de Santo Eustáquio e de Santa Teopista quando se viram despojados de todos os seus bens, sem outro título nem ditado que o de pobres de Jesus Cristo e como desterrados da Itália, onde tantas vezes haviam ressoado as aclamações pelas vitórias que o general Plácido havia conseguido. Mas turbaram-se logo os interiores consolos que derramava o céu naqueles cristãos corações pelo mais cruel e mais doloroso contratempo que podia suceder àquelas duas grandes almas. O patrão do navio enamorou-se cegamente da casta Teopista; e, resolvido a apoderar-se dela logo que tocou na costa da África, sem dar ouvidos a rogos, a lágrimas nem a promessas, fez lançar em terra à força a Eustáquio e a seus dois filhos e, levantando a âncora, tomou o rumo da Síria.

Foi extrema e recíproca a aflição de um e outro consorte. Recebeu-a Eustáquio com rendida resignação e, adorando o modo como Deus o governava, abandonou-se à divina Providência. Carregou sobre as costas seus dois pequenos filhos e, caminhando dia e noite por aqueles desertos horrorosos, chegou às margens de um rio largo e perigoso, e não lhe parecia possível passá-lo a nado com uma carga tão pesada. Nesta perplexidade levantou o Santo os olhos ao céu, suplicou ao Senhor que se compadecesse daqueles dois ternos inocentes e tomou a resolução de deixar um dos meninos na margem para voltar por ele depois de haver passado o rio carregado com o outro. Chegou ditosamente com sua pequena carga à margem oposta, deixou o menino sobre a macia erva e voltou a passar o rio a nado para conduzir o outro. Mas Deus, que cada dia é mais e mais admirável em seus Santos, permitiu que, estando Eustáquio no meio do rio, visse arrebatar seus dois filhos, um por um leão, o outro por uma loba. Em lance tão doloroso e tão estranho, depois que deu liberdade a seu aflito coração para desafogar-se pelos olhos, exclamou, levantando-os ao céu: «Vós, Senhor, mos destes, e Vós mos tirastes: cumpra-se vossa santíssima vontade. Adoro humildemente vossa divina Providência e não cessarei de bendizer vosso santo nome. Vós permitistes que perdesse a mãe e os filhos: dispondei agora do pai segundo vosso divino beneplácito.»

Vendo-se já só Eustáquio, não pensou mais na viagem do Egito e, ficando na primeira aldeia que encontrou, chamada Badissa, acomodou-se com um lavrador rico para ajudá-lo a cultivar a terra. Aproveitou-se de um estado tão penoso e tão diferente do que havia tido até então para fazer-se cada dia mais fervoroso cristão. Cativou a seu amo com sua apacibilidade inalterável e ganhou-lhe o coração com sua infatigável laboriosidade. As lides da lavoura não imutaram sua virtude. Tinha continuamente à vista a imagem de Jesus Cristo crucificado, e este divino modelo adoçava suas fadigas. Derramou o céu tantas bênçãos sobre as posses e fazendas de seu amo nos catorze anos que Eustáquio esteve em seu serviço que costumava dizer o lavrador que naquele criado havia encontrado um verdadeiro tesouro. Entretanto a divina Providência não se esqueceu de seus filhos nem de sua mulher. O patrão que se apoderou dela, vendo-a continuamente desfazer-se num mar de lágrimas, respeitou-a; e, querendo Deus castigar a violência do rapto, dois dias depois lhe tirou a vida sem que houvesse tido atrevimento para tocar na Santa, que, vendo-se livre, desembarcou no primeiro porto e pôs-se a servir.

Não foi menos ditosa a sorte dos dois filhos. Vendo as duas feras, os camponeses e os lavradores correram a elas e fizeram-lhes soltar a presa, sem que os meninos houvessem recebido nem a mais leve lesão; e, compadecidos de tão estranha aventura, tomaram-nos a seu cargo e os criaram com caridade; mas, ainda que o pai e os filhos viviam pouco distantes, passaram-se os referidos

catorze anos sem ter notícia uns de outros. Depois de tão dura e tão longa prova, em que o Santo se portou com uma paciência que mereceu as suspensões do céu, quis premiar o Senhor aquela heroica virtude restituindo-lhe tudo o que havia perdido e pondo em sua cabeça a coroa do martírio.

Fizeram uma irrupção nas terras dos romanos algumas bárbaras nações e ameaçavam todo o império. No ano 98 havia sucedido a Nerva o imperador Trajano, que, havendo conhecido o valor de Eustáquio (então Plácido) na guerra contra os judeus, noticioso de que este hábil General havia desaparecido depois de catorze ou de quinze anos, mandou que o buscassem por todas as partes do mundo, prometendo grandes prêmios a qualquer que lhe desse notícias certas dele. Passaram dois oficiais pela aldeia onde vivia Eustáquio no humilde ofício de moço de lavoura e alojaram-se em casa de seu amo. Como um e outro haviam servido sob as ordens de nosso Santo, ele os reconheceu logo; mas eles não o conheceram a ele. A pouco rato tocou-se a conversação de Plácido e das diligências que por ordem do Imperador se faziam em todo o império para encontrá-lo. Ao mesmo tempo que fizeram um grande elogio do mérito daquele General, não se esqueceram de celebrar as belas prendas de sua mulher Taciana. Este discurso renovou toda a ternura do disfarçado esposo; e, representando-se-lhe então vivamente à imaginação a funesta aventura de sua amada mulher e de seus queridos filhos, traíram-no as lágrimas, que não pôde ocultar aos dois hóspedes. Notou-as mais particularmente um dos dois e, observando-o cuidadosamente mais de perto, pareceu-lhe descobrir certos sinais que havia meio apagado sua presente constituição e, aproximando-se do ouvido de seu companheiro, disse-lhe que aquele lavrador se parecia a Plácido. Repararam em certa cicatriz que tinha no pescoço e logo se lembraram de uma ferida que havia recebido na mesma parte numa batalha. Este sinal lhes fez abrir os olhos para reconhecer todos os demais; e, não duvidando já que Eustáquio fosse seu antigo general, lançaram-lhe os braços ao pescoço e o obrigaram a confessar que era o mesmo Plácido. Não obstante quis resistir; mas ao cabo foi-lhe preciso ceder a suas instâncias e às ordens expressas do Imperador; especialmente depois que teve uma revelação, havendo passado em oração toda a noite, em que Deus lhe deu a entender que era sua vontade que fizesse ainda este serviço ao império.

Chegado a Roma, foi recebido do Imperador com todas as demonstrações de benevolência que eram tão devidas a seu valor; e, restituindo-lhe todas as insígnias de sua primeira dignidade, declarou-o general do exército. Pôs-se Eustáquio à sua frente; marchou em busca do inimigo, encontrou-o, atacou-o, derrotou-o e conseguiu uma das mais assinaladas vitórias sobre os inimigos do império romano. Havia-se obrigado todas as aldeias do Oriente a que contribuíssem com dois soldados para esta guerra e, com esta ocasião, acharam-se no exército do Imperador Agapito e Teopisto. Viu-os o General e, fazendo seu ofício o sangue, como costuma, sem saber por quê, sentiu em si certa especial inclinação para aqueles dois soldados. Fazia-os vir muitas vezes a sua tenda; e, falando um dia com um deles, perguntou-lhe de onde era, como se chamavam seus pais e quais haviam sido os sucessos de sua vida. Como os dois irmãos não se conheciam, mal referiu este o que lhe havia sucedido sendo menino, quando o outro, que se achava presente, arrojou-se a ele, lançando-lhe os braços e reconhecendo-o por irmão seu. Disse-lhe que ele era o mesmo a quem seu pai havia deixado na margem oposta e que, havendo-o libertado os camponeses como a ele, também o haviam criado até que tomou partido nas tropas. Ouvia tudo isto Eustáquio sem falar palavra; mas não o escutava a sangue frio, porque, enternecido vivamente seu coração, explicava-se sobejamente pelos olhos; e, enfim, não podendo conter mais seu gozo nem sendo já

dono dos movimentos que excitava em seu coração a ternura paternal, lançando aos dois os braços, disse-lhes: «Aqui tendes, queridos filhos meus, vosso pai: adoremos a amável providência de nosso Deus, que nos separou para voltar a juntar-nos na terra e no céu depois de tão longa prova. Sejamos fiéis: não desconfio de achar também vossa querida mãe, para que todos quatro logremos o consolo de derramar juntos nosso sangue por amor de Jesus Cristo.»

Logo acreditou o sucesso quão bem fundada era esta esperança. Como em todo o exército não se falava de outra coisa que da ditosa e extraordinária aventura do General, certos oficiais que estavam alojados na aldeia e na casa onde servia Teopista havia dezesseis anos, fazendo ofício de ama de chaves, referiram à mesa um sucesso tão raro como assombroso. Pelas particularidades e circunstâncias que especificaram, não pôde duvidar que aqueles dois soldados eram seus filhos nem que o General fosse seu marido. Com este pensamento suplicou Teopista aos oficiais que lhe facilitassem uma audiência do General, a quem tinha de pedir certa graça. Puseram-na em sua presença e, com as lágrimas nos olhos, disse: «Compadecei-vos, senhor, de uma mulher aflita. Eu sou uma nobre matrona romana que por uma tristíssima aventura haverá uns dezesseis anos perdi num mesmo dia meu doce esposo e meus dois queridos filhos, sem que em todo este tempo haja podido adquirir a menor notícia dos filhos nem do pai. Permiti, senhor, que se façam algumas diligências no exército, caso tenham tomado partido nas tropas: um se chama Agapito e o outro Teopisto, sendo o maior de vinte e dois anos e o menor de vinte e um.»

Enquanto falava Teopista, Eustáquio a considerava atentamente, sentindo em seu coração e reconhecendo por seus mesmos olhos que a que falava era sua mulher; mas, interrompendo-a um pouco, perguntou-lhe: «Com que ocasião, ou por que estranho acaecimento perdestes vosso esposo e vossos filhos?» Então Teopista, desfazendo-se em lágrimas, referiu seu violento rapto pelo patrão nas costas da África e tudo o que depois havia sucedido. Não podendo já duvidar nosso Santo, pela individual relação de todas as circunstâncias, de que o céu lhe havia restituído sua querida esposa, fez vir a sua tenda os dois filhos e, assinalando Teopista, disse-lhes: «Ali tendes, filhos meus, vossa mãe»; e a esta, abraçando-a ternamente: «Aqui tens, amada companheira minha, teu fiel esposo Eustáquio: rendamos todos graças ao Senhor por um sucesso tão maravilhoso.» Cheios de admiração, de reconhecimento e de gozo, renderam graças a Deus por um milagre tão claro e tão ilustre da divina Providência; e, concluída a oração, contaram-se um ao outro toda a história de tantos sucessos igualmente extraordinários que portentosos. Celebraram-se por muitos dias em todo o exército com grandes regozijos; e, enfim, adiantando-se Eustáquio, Teopista e seus filhos, marcharam a Roma, onde o imperador Adriano, sucessor de Trajano, havia chamado o General para decretar-lhe as honras do triunfo. Foi recebido com toda a estima e com todo o reconhecimento que merecia o importante serviço que acabava de fazer ao império; e, concluídas as festas públicas, mandou o Imperador que se fizesse um solene sacrifício aos deuses em ação de graças por aquela grande vitória. Eustáquio não compareceu nele; e, havendo-o chamado o Imperador, declarou que era cristão e que não devia dar graças a outro que ao verdadeiro Deus, a quem só era devedor daquele ditoso sucesso. Era Adriano um dos mais cruéis inimigos do nome cristão; e, furiosamente irritado com esta resposta, dá ordem para que ao ponto seja despojado de todas as insígnias da dignidade e seja conduzido ao cárcere com sua mulher e seus dois filhos. Comoveu-se toda a cidade de Roma; e toda ela se empenhou em persuadir a Eustáquio que renunciasse sua Religião, e até o mesmo Imperador não perdoou a promessas nem

a ameaças para pervertê-lo. Sua constância na fé esgotou toda a barbaridade do tirano. Vendo que nem sequer o podia fazer titubear, condenou-o a ser arrojado às feras com seus dois filhos e com sua mulher. Não houve no mundo alegria mais pura nem menos reprimida que a que causou aos Santos aquela cruel sentença. Viu Roma caminhar em camisa, carregado de prisões, e entrar na arena para ser despedaçado das feras com sua mulher e seus dois filhos, o mesmo que dois dias antes havia visto lucir por suas ruas no carro triunfal seguido das aclamações e dos vivas de toda a cidade. O gozo que rebosava em seus semblantes mostrava bem que apreciavam mais a honra de morrer por Jesus Cristo que a de entrar triunfantes na capital do império. Soltaram contra eles alguns leões famintos e furiosos, que correram velozes aos Santos; mas para quê? Para arrojar-se a seus pés, para lambê-los e para afagá-los brandamente com as caudas. Foi milagre assombroso a todos os assistentes: só o Imperador entrou em maior furor; e, como era naturalmente cruel, resolveu atemorizar todos os Cristãos com um exemplar de crueldade que até então não havia tido semelhante. Havia em Roma um touro de bronze de enorme corpulência; e, mandando meter os santos Mártires dentro daquela espantosa máquina, deu ordem de que se acendesse sobre ele um voracíssimo fogo, em cujo tormento nossos Santos acabaram a vida por um glorioso martírio no dia 20 de setembro do ano de 12[?], em cujo dia a Igreja celebra sua festa com solenidade. Há em Roma um magnífico templo em honra de Santo Eustáquio e de seus companheiros, e a maior paróquia de Paris está dedicada a seu nome. Parte de suas relíquias, trazidas pelo abade Suger, se veneram no real mosteiro de São Dinis, e outra porção delas se guarda na paróquia de Santo Eustáquio.

São Agapito, Papa e Confessor

São Agapito foi natural de Roma e, recebido no clero, desempenhou as obrigações inferiores do ministério nas igrejas de São João e de São Paulo. Sua grande santidade o recomendou ao amor e estima de quantos o conheciam e, morto o papa João II em 26 de abril de 535, Agapito, que à sazão era arcediago, foi eleito para ocupar aquela sé e consagrado em 4 de maio. Com a doçura curou as feridas que haviam feito as dissensões e o desgraçado cisma de Dióscoro contra Bonifácio II no ano de 529. Noticioso de sua eleição, o imperador Justiniano enviou-lhe uma profissão de sua fé, que o santo Papa recebeu como ortodoxa e, em cumprimento de suas solicitudes, condenou os monges Acemetas de Constantinopla, que estavam infectados da heresia nestoriana. Havendo sido deposto Hilderico, rei dos vândalos na África, por Gilimer, Justiniano valeu-se daquela ocasião para romper a aliança que o imperador Zenão havia feito com Genserico e, no ano de 533, o sétimo de seu reinado, enviou à África Belisário com uma armada de quinhentas velas. Aquele experimentado General fez com muita facilidade a conquista daquele país e tomou Cartago quase sem oposição. Justiniano enviou às igrejas de Jerusalém os vasos do antigo templo judaico, que Tito em seu tempo havia levado a Roma e que Genserico havia conduzido daqui a Cartago. Depois de haver restabelecido o governo temporal da África, o Imperador restituiu suas igrejas aos Católicos, e os bispos da África escreveram ao Papa, suplicando-lhe que todos aqueles bispos arianos que se haviam voltado à fé católica pudessem reter suas sés. Agapito respondeu que neste ponto não podia proceder contra os cânones e que os bispos arianos deviam ficar satisfeitos e contentes com haver sido admitidos na Igreja católica, sem pretender além disto voltar a introduzir-se entre o clero nem reter dignidade eclesiástica. Havendo o Imperador erigido a cidade de Justiniana, perto

do lugar de seu nascimento, suplicou ao Papa que fizesse vigário seu no Ilírico o novo bispo desta sé.

Entretanto, como Teodato, rei dos godos da Itália, chegasse a entender que Justiniano fazia grandes preparativos para uma expedição contra aquele reino com ânimo de recobrá-lo, obrigou o papa Agapito a fazer uma viagem a Constantinopla para dissuadi-lo de semelhante projeto. Ao mesmo tempo os abades de Constantinopla escreveram ao Papa noticiando-lhe as desordens e os riscos em que haviam incorrido naquela Igreja. Morto Epifânio, patriarca daquela cidade, no ano de 535, por intrigas da imperatriz Teodora foi chamado àquela sé Antimo, bispo de Trebizonda. Era tido por católico, mas na realidade era inimigo solapado do concílio Calcedonense, como a Imperatriz mesma. A promoção de Antimo a Constantinopla animou tanto os Acéfalos que Severo, falso patriarca de Antioquia, e outros principais da seita marcharam imediatamente a ela e encheram de confusão aquela Igreja. Agapito respondeu àqueles abades que ele mesmo ia em pessoa a Constantinopla, onde podiam esperar sua chegada. São Gregório Magno conta que este bom Papa, em sua jornada ao Oriente, curou um homem aleijado e mudo dizendo uma missa por ele. São Agapito, pois, chegou a Constantinopla no dia 2 de fevereiro do ano de 536 e foi recebido com respeito pelo Imperador. O Papa falou ao Príncipe e instou-lhe muito acerca do negócio que ali o havia levado; mas Justiniano havia já procedido muito adiante para que fosse fácil voltar atrás do projeto contra a Itália; pelo que principiou São Agapito a tratar dos assuntos religiosos. Recusou absolutamente admitir Antimo a sua comunhão, como não subscrevesse publicamente ao concílio Calcedonense e que não permitisse de modo algum sua translação à sé de Constantinopla. A Imperatriz interpôs todo o seu poder e todos os seus artifícios para ganhar este ponto: o Imperador também lho suplicou com promessas e quis logo exigi-lo com ameaças; mas o Papa se manteve inflexível e por fim Antimo teve que voltar a Trebizonda, temendo ser compelido a receber o concílio de Calcedônia. Não obstante, o Papa o declarou excomungado se não se declarava católico por meio da subscrição àquele sínodo, cuja firmeza trouxe sobre o santo Pontífice todo o furor do partido eutiquiano e da Imperatriz. Sua constância, não obstante, inutilizou seus esforços, e Menas, sujeito tão recomendável por sua sabedoria como por sua piedade, foi eleito patriarca de Constantinopla e consagrado tal pelo Papa. Puseram-se em mãos de São Agapito várias solicitações relativas a queixas e acusações de crimes e heresias que se imputavam a Severo e alguns outros bispos do partido dos Acéfalos, as quais preparava o Papa para serem examinadas num concílio, quando caiu enfermo e morreu em Constantinopla em 17 de abril do ano de 536. Seu corpo foi trasladado a Roma e sepultado na igreja de São Pedro, no Vaticano, em 20 de setembro do mesmo ano, dia em que a Igreja do Ocidente consagrou sua memória. Os gregos fazem comemoração dele no dia de sua morte. São Agapito brilhou com todas as virtudes, principalmente no amor aos pobres, pois sua história refere que foi preciso empenhar os vasos sagrados da igreja de São Pedro para atender aos gastos de sua viagem a Constantinopla.

Missa (oração)

A missa é em honra de Santo Eustáquio, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos concedis sanctorum martyrum tuorum Eustachii et sociorum ejus natalitia colere: da nobis in æterna beatitudine de eorum societate gaudere. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que nos fazeis a graça de celebrar a festa de vossos santos mártires Eustáquio e seus companheiros, concedei-nos que logremos a dita de gozar com eles a alegria e felicidade eterna. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do livro da Sabedoria.

Sabedoria 5,16-20

> **Latim:** 16 Justi autem in perpetuum vivent, et apud Dominum est merces eorum, et cogitatio illorum apud Altissimum. 17 Ideo accipient regnum decoris, et diadema speciei de manu Domini : quoniam dextera sua teget eos, et brachio sancto suo defendet illos. 18 Accipiet armaturam zelus illius, et armabit creaturam ad ultionem inimicorum. 19 Induet pro thorace justitiam, et accipiet pro galea judicium certum ; 20 sumet scutum inexpugnabile æquitatem.

Português: 16 Mas os justos viverão para sempre, e a sua recompensa está no Senhor, e o pensamento dêles no Altíssimo. 17 Portanto receberão da mão do Senhor um reino de honra, e um diadema de formosura: Porque os protegerá com a sua destra, e com o seu santo braço os defenderá. 18 O seu zelo se vestirá de todas as suas armas: E ele armará as suas criaturas para se vingar de seus inimigos. 19 Tomará por couraça a justiça, e por capacete a inteireza do seu juízo: 20 Embraçará a eqüidade como escudo inexpugnável:

Reflexões

Os justos viverão eternamente. Assombro é até onde se estendem as miras da ambição. Não há coisa que ponha limites nem aos desejos nem aos soberbos projetos de um coração ambicioso. Quanto mais se eleva, mais inquieto está; sempre descontente com seu emprego enquanto vê outro mais elevado. A fome da glória cresce mais quanto mais se sacia. É a ambição uma enfermidade na qual, quanto mais se bebe, mais sede se padece. Que não faz um ambicioso para imortalizar-se! Não há trabalho que não devore, não há dificuldade que o acovarde, que não tente superar para conseguir suas ideias, para chegar a seus fins. Trabalhos insuportáveis na guerra,

artifícios, lisonjas, baixezas na corte, dívidas que excedem as rendas, gastos que fazem insolúveis as dívidas: a nada se perdoa, em nada se repara, em nada se tropeça para adquirir nome, para sobressair entre os iguais e para elevar-se sobre os que estão mais altos. Logrou-se algum emprego? Imediatamente se procura acrescentar-lhe esplendor, aumentar-lhe estima e dar à pessoa algum relevo com a magnificência do trem e com o imenso gasto de uma mesa esplêndida.

Conseguiu-se alguma primeira dignidade numa igreja? Julgar-se-ia abater o benefício e a dignidade se não se empenhasse em gastos muito superiores à renda. Logo se pensa em brilhar em móveis, em equipagem, em tudo, menos em virtudes e em boas obras. Mas quem pagará? Isto é o que de ordinário inquieta e embaraça pouco o ambicioso; todo o seu cuidado é encontrar alguns homens simples que sejam o joguete de sua ambição. O grande móvel de uma conduta tão pouco cristã é o amor da glória. Ama-se a glória, busca-se a glória; mas quando se a buscará onde verdadeiramente se acha? Quando se deixará de buscá-la e de cansar-se vãmente em descobri-la onde realmente não está nem onde jamais se a encontrará? Tudo aquilo que desaparece quando se aproxima a morte: tudo aquilo que se desvanece no sepulcro: tudo aquilo que só deixa um eterno dor e um amargo arrependimento é certamente bem frívolo e bem vão. Corações ambiciosos, quereis imortalizar-vos? Pois acabai já de entender que somente os justos vivem eternamente. Revolvei embora esses sepulcros dos grandes: se não foram santos, só encontrareis neles um punhado de pó fedorento que causa horror. Somente as relíquias se fazem respeitáveis. Que glória é a que resta aos que ocupam muito lugar na história se não foram Santos? Que glória é a daqueles faustosos e magníficos eclesiásticos cuja memória estão maldizendo os credores depois de sua morte? Bom Deus, e que glória seria agora a sua se houvessem morrido pobres por haver enriquecido a muitos miseráveis! Seria sua memória em bênção pelos séculos dos séculos. Senhor, quando há de chegar o caso de que uma verdade que faz força a todo homem cristão e medianamente racional faça impressão num coração e num ânimo cristão?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São Lucas.

Lucas 6,17-23

> **Latim:** 17 Et descendens cum illis, stetit in loco campestri, et turba discipulorum ejus, et multitudo copiosa plebis ab omni Judæa, et Jerusalem, et maritima, et Tyri, et Sidonis, 18 qui venerant ut audirent eum, et sanarentur a languoribus suis. Et qui vexabantur a spiritibus immundis, curabantur. 19 Et omnis turba quærebat eum tangere : quia virtus de illo exibat, et sanabat omnes. 20 Et ipse elevatis oculis in discipulis suis, dicebat : Beati pauperes, quia vestrum est regnum Dei. 21 Beati qui nunc esuritis, quia saturabimini. Beati qui nunc fletis, quia ridebitis. 22 Beati eritis cum vos oderint homines, et cum separaverint vos, et exprobraverint, et ejicerint nomen vestrum tamquam malum propter Filium

> hominis. [23] Gaudete in illa die, et exsultate : ecce enim merces vestra multa est in cælo : secundum hæc enim faciebant prophetis patres eorum.

Português: [17] Descendo depois com elles, parou numa planice, acompanhado da comitiva de seus discípulos, e de grande multidão de povo de toda a Judéa, e de Jerusalem, e das terras marítimas assim de Tyro, como de Sidonia, [18] que tinham concorrido a ouvillo, e para que os sarasse das suas enfermidades. E os que erão vexados dos espíritos inmundos, ficavão saós. [19] E todo o povo fazia diligencia por tocallo: pois sahia d'elle huma virtude, que os curava a todos. [20] E levantando elle os olhos para seus discípulos, dizia: Bemaventurados vós os pobres: porque voss he o reino de Deos. [21] Bemaventurados os que agora tendes fome: porque vós sereis fartos. Bemaventurados os que agora chorais: porque vós vos rireis. [22] Bemaventurados sereis quando os homens vos aborecerem, e quando vos separarem, e carregarem de injúrias, e rejcitarem o vosso nome como máo, por causa do Filho do homem. [23] Folgai naquelle dia, e exultai: porque olhai, grande he o vosso galdão no ceo: porque d'esta maneira tratavão aos profetas os pais d'-elles.

Meditação

Quão opostas são as máximas de Cristo às máximas do mundo

Primeiro ponto

Considera que não há coisa mais oposta, não a há mais contrária que as máximas de Cristo e as máximas do mundo. É necedade, é loucura pretender acordá-las.

O mundo coloca toda a felicidade na alegria e na abundância. Esta é a ideia que se forma de um homem feliz. Cristo julga todo o contrário: segundo sua doutrina, deve preferir-se a pobreza à abundância mais deliciosa. É aquela um título que nos dá direito ao reino dos céus, e a fartura dos bem-aventurados na glória é fruto da necessidade que padeceram na terra. A única causa que parece assinalar Jesus Cristo daquela torrente de gozo em que estão inundados os escolhidos são as lágrimas que derramaram nesta vida. «Bem-aventurados os que agora chorais, porque em algum tempo rireis.» Acomoda-se o mundo com esta máxima? E porque o mundo não se acomode com ela, deixará por isso de ser máxima de Jesus Cristo?

O espírito do mundo quer que seja espécie de mérito e de honra o ser bem admitido em todas as companhias. A este fim é o vestir-se, o compor-se, o afetar modos airosos, gratos, risonhos, agradáveis, fazendo-se tudo a todos; e que dor, bom Deus, para uma pessoa quando conhece que não é do gosto dos mundanos!

Tudo isto o reprova Jesus Cristo: «Sereis bem-aventurados, nos diz, quando por meu amor vos aborrecerem os homens.» O mundo vos ensina que, para ser ditosos nele, é mister agradar-lhe; e eu vos digo que não sereis ditosos no mundo senão quando por amor de mim lhe desagradardes a

ele; antes bem, não é possível agradar-lhe a ele sem desagradar-me a mim: agora escolhei entre estes dois partidos. Ah, bom Deus, e que poucos há que sequer deliberem! Quase sempre leva o mundo a preferência. E se não, pergunto: dá muito cuidado aos mundanos o não agradar mais que a Deus?

Oh meu doce Jesus, e que copioso manancial de dor e de indignação contra mim mesmo me oferecem estas reflexões! Como pude eu compor seguir o mundo e fazer profissão de crer em Vós! Suplico-vos, Senhor, que presteis alguma atenção a minha dor e a meu arrependimento, efeito de vossa graça e de vossa misericórdia.

Segundo ponto

Considera que não há oposição mais viva nem mais patente que a que se encontra entre o espírito do mundo e o espírito de Cristo.

No mundo reputa-se por um estado muito digno de compaixão o ser pobre, por infâmia o ser maltratado e por desonra o ser a fábula dos mundanos e o objeto de suas zombarias. Que mortificação o ser excluído de suas diversões ou separado de suas festivas concorrências! Isto é o que se chama no mundo adversidade, pouca fortuna, desgraça. Pois ouçamos agora como se explica Jesus Cristo neste ponto.

«Vós, filhos meus, sereis bem-aventurados e ditosos quando não fordes do gosto dos homens do mundo: ditosos, quando vossa modéstia, vosso recolhimento e vosso porte regular for o assunto de suas zombarias: ditosos, quando os que vivem segundo o espírito do mundo tiverem lástima de vós: quando ouvirem vosso nome com horror, quando vos excluírem de suas funções e de suas concorrências, quando vos carregarem de opróbrios, então regozijai-vos muito, dai grandes mostras de alegria e tende-vos pelos mais felizes e os mais bem livrados do mundo.» Falemos claro: dirige Jesus Cristo estes oráculos a todos os Cristãos? Temos crido até aqui, ou cremos agora, que falam com todos estes oráculos de Jesus Cristo?

Nobre e muito nobre era Santo Eustáquio: fê-lo o imperador general de seus exércitos: chegou a ser seu favorecido; mas era cristão e, como tal, nunca se teve por mais ditoso que quando se viu despojado de todos os seus bens, privado de seus empregos, desgraçado e exposto, enfim, ao martírio por amor de Jesus Cristo. Estas foram as máximas dos Santos; nunca tiveram outras: corresponde nossa conduta a estas máximas? Ao considerar a dos Santos e a nossa, dir-se-á que professamos uma mesma religião? Mas poderemos porventura esperar a mesma recompensa?

Não permitais, Senhor, que algum dia me condenem estas mesmas reflexões que Vós me inspirais para converter-me. Vossas máximas são santas e verdadeiras: eu vos prometo não seguir jamais outras: elas serão daqui em diante a regra de minha conduta, como são o objeto de minha fé.

Jaculatórias

Se padecerdes algo pela justiça, sereis bem-aventurados. (1 Pe 3.)

Como se pode compor Jesus Cristo com Belial, nem a luz com as trevas? (2 Cor 6.)

Propósitos

1. Não te contentes com detestar as máximas do mundo: sempre se converte o entendimento primeiro que o coração. Impõe-te como uma lei não só de nunca defendê-las nas conversações familiares, mas de renunciar efetivamente sua prática e seu exercício. Para isso hás de fazer uma firme resolução de não concorrer jamais àquelas diversões profanas, das quais está sempre desterrado o espírito do cristianismo: de não aparecer jamais em espetáculos nem em bailes; e, quando a urbanidade ou a obrigação te precisarem a deixar-te ver nas funções e concursos do mundo, estar e portar-te neles como verdadeiro cristão.

2. Todas as adversidades da vida e todos os contratempos que sucedem no comércio do mundo hás de olhá-los à mesma luz a que Jesus Cristo quer que se olhem, e não a outros visos nem com diferentes cores. Se te contradizem, se te sentes ofendido ou maltratado, acode logo com a boca e com o coração a este oráculo: *Non sunt condignæ passiones hujus temporis ad futuram gloriam, quæ revelabitur in nobis.* (Rm 8.) Nenhuma proporção têm com a glória que nos espera na outra vida as aflições que padecemos nesta. Ou àquelas outras admiráveis palavras do apóstolo São Pedro: *Si quid patimini propter justitiam, beati.* São bem-aventurados todos os que padecem algo por amor de Deus.

3. Também é um exercício muito agradável ao Senhor dizer alguma breve oração, ainda que não seja mais que um *Glória ao Pai*, sempre que nos sucede algum trabalho ou alguma humilhação. Nesses reveses de fortuna, nesses sucessos desgraçados, nessa degradação ou despojo de teu emprego, nessa humilhação que te pegou tão de repente, dize com o Profeta: *Bonum mihi quia humiliasti me.* Oh Senhor, e que ditoso sou em que me tenhais mortificado, afligido e humilhado! Este é o espírito do cristianismo, esta é a linguagem que deve ter todo verdadeiro cristão: nunca há de gastar outra nas humilhações e nos abatimentos. Poucos conhecem o muito que estes valem. Não há atalho mais seguro nem mais breve; nenhum mais eficaz para ser Santo.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:52:46 by Admin
Updated 20 November 2026 20:52:46 by Admin